

DA PASSARELA DO JB À SPFW: NOTAS SOBRE O ESPAÇO DO SUJEITO NEGRO NO CIRCUITO DA MODA

Laia, Cristiane Maria Medeiros; Doutoranda; Universidade Federal de Juiz de Fora; crislmlaia@yahoo.com.br¹

Bernardo, Juliana de Assis; Mestranda; Universidade Federal de Juiz de Fora; julianassisb@gmail.com²

RESUMO

Nesse escrito ensaiamos um pensamento sobre os lugares que as existências periféricas ocupam no circuito da moda, entendendo-o como um espaço que, embora se faça mais diverso nos dias de hoje que em décadas passadas, ainda se firma, em muitos momentos, em referenciais eurocentrados para existir. E se configura, portanto, como um lugar reservado ao que Ailton Krenak (2019) chama de humanidades escolhidas, deixando de fora as construções que se desalinham disso, embora elas também constituem o universo onde a moda se faz.

Nesse artigo nos debruçamos para olhar para a Coluna *Passarela*, do *Jornal do Brasil*, nos anos 1960, e para a Edição da São Paulo Fashion Week do ano de 2021, observando a diferença do número e do lugar que as presenças não brancas ocupam em ambos os circuitos, e arriscando apontar, brevemente, situações que parecem anunciar e disparar as mudanças que observamos nesse espaço temporal de cerca de meio século.

Criada em setembro de 1962, pela Jornalista Gilda Chataignier, no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, a coluna *Passarela*, cujo público alvo eram as mulheres, tinha como objetivo principal falar sobre moda e os seus nichos, entendendo que, para o público feminino, isso incluía artigos de comportamento, viagens, cuidados com a casa e novidades que chegavam no Rio. Voltada para as classes médias e altas da época, logo, para as mulheres não racializadas e

¹ Licenciada e Bacharel em Educação Artística, pela UFJF; Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, pela UERJ; Doutoranda em Moda e Arte, no PPGACL da UFJF. Professora de Artes. Costureira. Criadora da 'Cris Maria Atelier de Criação'. Bolsista CAPES.

² Bacharela e Licenciada em História pela UFRJ; Mestranda em Moda e Arte, no PPGACL da UFJF.

suas questões, a presença das mulheres negras só passou a ser uma realidade na coluna a partir de 1965, quando a jornalista as colocava ocupando os lugares de subserviência em seus escritos.

Na outra ponta temporal, a SPFW, maior evento de Moda do Brasil, no ano de 2021 teve 61% do seu casting composto por modelos negros, indígenas e racializados, o que configura uma mudança considerável, se pensarmos que até 2009 esse percentual não chegava a 3%. Essa mudança não foi gratuita, envolveu questões legais, de mercado e representatividade, mas não deixou de ser um movimento que diz da inserção dos sujeitos das bordas do mundo nesse circuito.

O estudo, inicial e ainda em curso, envolve pesquisas históricas e bibliográficas. Nos amparamos, até o momento, em Patrícia Lima (2006), que pesquisa o Caderno B do Jornal do Brasil de 1960/85, e em Maria do Carmo Rainho e Maria Claudia Bonadio, que elucidam a moda a partir da década de 1960. Em Achille Mbembe (2018), e sua ideia de direito das gentes e divisão colonial de lugares no mundo. Em Conceição Evaristo (2017) e Grada Kilomba (2019) e o entendimento da atualização dos processos coloniais que ambas nos oferecem.

A aposta em autores diferentes entre si nos coloca em lugares teóricos e conceituais diversos para abordar fenômenos do campo da moda. Isso talvez traga um tom de originalidade a um tema que, embora não esgotado, é muito presente nas pesquisas acadêmicas. Além disso, a escolha pela diversidade se alinha a nossa hipótese, que é a de que, embora muitas sejam as nuances e contradições presentes nesse processo, a chegada da multiplicidade de existências, epistemologias, corpos, estéticas e éticas nos mais diferentes lugares sociais, políticos e simbólicos, têm dado cada vez mais o tom desses tempos.

Palavras-chave: Coluna Passarela; SPFW; Corpos Negros.